

SemFor

Seminário de Formação do Cefapro

Avaliação e a Formação Continuada no contexto da pandemia

Cefapro de Rondonópolis – Mato Grosso
14, 15 e 16 de dezembro de 2020

DESAFIOS PARA GARANTIR A EDUCAÇÃO PARA TODOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ana Rosa Gomes Ferreira¹

Cristiane Araújo Costa²

Ester Landvoigt da Silveira³

Eixo Temático: Políticas Públicas Educacionais

Resumo: O presente texto resulta de uma análise sobre a nossa percepção de professoras da Educação Básica da rede pública de Mato Grosso, referente ao impacto da mudança de paradigma na forma de compreender a educação, que se impôs neste tempo de pandemia do Covid-19. O nosso objetivo é analisar a situação que estamos vivendo num contexto da prática do ensino remoto, que nos coloca no embate entre a aprendizagem conectada e a realidade da educação do campo. Para tanto nos utilizaremos das observações/vivências das atividades docentes e orientações da Secretaria de Educação que procuram encaminhar diretrizes para serem seguidas a fim de organizar a vida dos estudantes. Os resultados dessas observações/vivências sinalizam que, as ações desenvolvidas neste período de pandemia, imposta a prática pedagógica dos professores, tem o caráter de minimizar os impactos causados pelo distanciamento social, mas distancia-se da realidade da maioria dos envolvidos no processo.

Palavras-chave: Ensino remoto; Aprendizagem conectada; Política educacional.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo analisar a situação que globalmente estamos vivendo num contexto de pandemia- COVID-19, levando grande parcela da população mundial a estar em confinamento domiciliar. Essa orientação tem sido aceitável na maior parte dos países,

¹ Ana Rosa Gomes Ferreira, Graduada em História pela UFMT, Especialista em Coordenação Pedagógica pela UFMT, Mestranda em Educação pela UFR - e-mail: prof.ana01@hotmail.com.

² Cristiane Araújo Costa, Graduada em História pela UFMT, Especialista em Educação Infantil pela UFMT, Mestranda em Educação pela UFR - e-mail: cris.a.costa@hotmail.com

³ Ester Landvoigt da Silveira, Graduada em Normal Superior especialista em docência do Ensino Superior pelo ICE e Gestão escolar pela UFMT, mestranda em Educação pela UFR
-e-mail:esterlandvoigt@hotmail.com

visto que é uma forma de conter o vírus. Por esse motivo, está sendo adotado no mundo todo a paralisação das atividades escolares, até os níveis de graduação à pós-graduação.

Nessa circunstância, para os brasileiros, sobretudo, têm sido muito difícil, pois envolve fatores decisivos: economia, política, educação, saúde e a própria vida. É um momento de grande fragilidade, e o educador nunca se sentiu tão despreparado como neste cenário. As certezas, as qualificações, o preparo que julgamos ter, tem nos mostrado como ainda devemos avançar. A era tecnológica de que tanto nos orgulhamos fazer parte nos apequena quando se trata de ensino e ao mesmo tempo faz o mundo perceber a importância da pessoa humana na mediação do ato de ensinar/ aprender.

O momento é de medo, e há ainda nesse cenário a constante cobrança de não parar no tempo, de fazer com que as coisas continuem, a tentativa de dar um “ar de normalidade” à vida. Mas lá no fundo sabemos que não está e que dificilmente voltará ao que chamamos de normal. Em meio à este turbilhão estamos nós, educadores, tentando nos reinventar, tentando mostrar aos nossos alunos que, mesmo que não fisicamente, estamos lá com eles, na medida do possível estaremos fazendo aquilo que nas salas de aula tentamos fazer todos os dias, levar o conhecimento, auxiliando nas descobertas e crescimento de cada um.

Assim como outros em Estados do Brasil, a Educação de Mato Grosso tem buscado maneiras de auxiliar nossas crianças, nesse período, a darem continuidade na busca do conhecimento e isto tem sido um desafio para cada instituição. Diante disso é que se faz necessário o seguinte questionamento: Essa maneira de oferta do Estado de Mato Grosso tem se mostrado eficaz na superação dos desafios da educação? Como tem sido as adaptações para os alunos das escolas do campo? Quais têm sido os principais entraves na efetivação dessa metodologia? Qual a relevância do papel do professor em um contexto de pandemia, como estamos vivendo? O objetivo geral é analisar como está sendo disponibilizado as atividades escolares para os alunos do Estado de Mato Grosso, mais especificamente as comunidades das escolas do campo e como o educador tem encontrado seu papel na Educação em meio a esse turbilhão de incertezas. Nossa discussão versa, portanto, sobre nossa percepção sobre o tempo em que estamos vivendo. Faremos uma abordagem sobre as estratégias que vem sendo utilizadas e uma análise dos possíveis alcances dessas estratégias, considerando as diversidades com as quais trabalhamos diariamente na Educação de Mato Grosso.

APRENDIZAGEM CONECTADA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso –Seduc-MT, por meio da Secretaria Adjunta de Gestão Educacional –SAGE, vem disponibilizando desde o dia 13 de abril, por meio do Aplicativo Aprendizagem Conectada, atividades escolares para os estudantes da rede estadual. O objetivo é oferecer atividades de estudo aos alunos, com o intuito de possibilitar o contato com situações de aprendizagem que, além de os manter ativos, neste período, possam promover o desenvolvimento de suas aprendizagens, estudando, no primeiro momento, sozinhos ou com a mediação dos pais.

A proposta de ensino prevê o desenvolvimento de atividades nas modalidades tanto online quanto off-line. A orientação é que sejam realizadas as atividades em um caderno à parte e o material pode ser também disponibilizados impressos para os alunos que não dispõem do acesso à internet, nas secretarias das escolas. O material didático elaborado, está pautado na seleção e organização de objetos de conhecimentos, habilidades e competências contidos no Documento de Referência Curricular para Mato Grosso, para o ensino fundamental e na Base Nacional Curricular para o Ensino Médio, com uso das metodologias ativas.

Moran 2015, já falava sobre a necessidade de mesclar as atividades de sala de aula com atividades desafiadoras que levassem nossos alunos buscar conhecimentos em outros ambientes. Segundo ele as metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas.

Inicialmente uma equipe composta de profissionais da Superintendência Adjunta de Políticas Educacionais/SAGE/Seduc-MT, professores formadores dos Cefapros de Cuiabá e Rondonópolis, do Exame On-line e alguns profissionais da rede estadual de ensino e da Universidade Federal de Mato Grosso/Roo, produziam as atividades, baseadas em conteúdo específicos de cada disciplina para cada fase/ciclo e modalidade de ensino, aliadas às tarefas semanais e também complementares, além de vídeos, jogos, leituras, vídeos aulas, e-books.

No segundo semestre os profissionais lotados nas unidades escolares passaram a elaborar o material de acordo com um Plano Pedagógico Estratégico de Atendimento Escolar pensado pela escola para atender as necessidades da clientela atendida. Para a realização das atividades torna-se necessário uma ajuda colaborativa e nesse momento, a família possui um papel de grande relevância. Cabe aos pais ou responsáveis, a orientação quanto a construção de uma rotina de estudos. Nesse sentido, ABATTI (2009), diz que o ser humano aprende o tempo todo, o papel da família é fundamental, pois é ela que decide, desde

cedo, o que seus filhos precisam aprender, quais as instituições que devem frequentar o que é necessário saberem para tomarem as melhores decisões no futuro.

Seguindo as orientações recomendadas na plataforma, cada grupo, composto de estudantes, professores, secretário escolar, diretor, Assessoria Pedagógica e Cefapros, possuem funções a desempenhar, no sentido de incentivar a aprendizagem e o acesso ao conhecimento.

Em uma análise dessa prática de ensino adotada, é possível perceber o claro intuito de subsidiar a aprendizagem dos alunos agregando a eles responsabilidade com a busca por querer aprender, mesmo que isso não aconteça no coletivo de uma sala de aula, e além disso estão tendo a oportunidade de terem contato com os conteúdos específicos de suas disciplinas por meio da plataforma ou de apostilas impressas.

Por outro lado, vale destacar que nem todos têm acesso a tecnologias eficientes e isto constitui um problema. Com relação as apostilas é de responsabilidade da escola fazer as impressões e distribuí-las aos alunos que necessitam, isso tem gerado um custo muito alto com papel, tinta, entre outros itens à escola, além do interesse dos estudantes e/ou família buscarem esse material. É importante ainda lembrar das especificidades da educação, como campo, indígena, quilombola, etc. Partindo da realidade na qual estamos inseridos e que estamos produzindo a reflexão, que é escola do campo, é que possível externar nossa visão de Educação em tempo de Covid-19. Neste momento vemos com muita clareza o nível de desigualdade existente no país e que infelizmente, como em todos os outros momentos passa despercebido e/ou ignorado.

As escolas do Campo possuem uma realidade diferente e peculiar e assim como em outros momentos, neste de pandemia, tem sido vista como qualquer outra escola de grandes e ou pequenos centros sem levar em consideração sua realidade de acesso à tecnologia e condição plena para o desenvolvimento da prática pedagógica.

O Artigo 28, da LDB, diz que:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Na contramão do que prevê a LDB, temos uma plataforma generalizada, cuja adequação se mostra tímida não contemplando as particularidades que só acontecem com a

presença física daquele que conhece e convive com essas diferenças. É importante destacar ainda as aprendizagens especiais que, a despeito da política de inclusão, nunca se efetivou na prática e hoje nessa tentativa de não parar, se esfacelou. Ao educador cabe incluir, mas plataformas digitais não são capazes de fazê-lo.

Nesse momento é preciso uma parceria muito grande entre escola e família, caso isso não ocorra, dificilmente será possível alcançar o objetivo proposto inicialmente. A pergunta feita pelos pais, alunos, educadores e gestores é: como será quando tudo passar? Em meio a isso há os pais que vão em busca de ajudar o filho, porque “não quer que ele fique para trás”, há os que não conseguem ajudar “porque é muito difícil”, há os que acham que não vale a pena fazer porque não está servindo para nada e cá estamos nós sem saber o que fazer. Impotência, esse foi o sentimento dos professores em uma reunião em que tomando todos os cuidados e recomendações da OMS, ousamos fazer, para conversarmos sobre nossos alunos. A tristeza de saber que estão desassistidos e que a proposta que se apresenta para eles é demasiado distante das particularidades de cada um e que ao retornarmos teremos que lidar com discrepâncias enormes, tendo em vista que as famílias, singulares que são, se comportam de diferentes maneiras nesse processo de colaboração que a Educação tem pedido.

E a figura do professor, como desponta nesse contexto?

A pergunta “como você consegue” é realidade, não apenas “memes” como temos visto com deboche nas redes sociais. Poderíamos responder “fomos preparados para isso”, mas figura pouco convincente, porque de fato os bancos universitários nos ensinaram como sermos medidores de conhecimento, todavia a Educação hoje, demanda muito mais que isso.

Temos salas com 20,30 até 40 alunos e a missão de alfabetizá-los, conduzi-los na construção do saber, e a sociedade espera que isso se efetive na prática. Quando algo falha no sistema, lá estamos nós, sendo avaliados, julgados e por vezes, culpados por não termos atingido as metas.

Quando ouvimos, portanto, como “dão conta” ou “estou louca com apenas 1 imagina com 20”, ou ainda “não vou colocar criança para fazer porque essa é obrigação do professor que está recebendo parado” nos leva a refletir sobre o nosso papel social sob vários aspectos. Primeiro que somos privilegiados por que mesmo que de forma inconsciente nosso papel é extremamente relevante na sociedade e que de repente após passado esses tempos difíceis as famílias que agora estão tutoreando, a educação dos filhos passem a ver a escola como aliada no processo ensino aprendizagem e que isso proporcione o avanço da qualidade da educação. Por outro lado, o professor ainda figura como o responsável pelo avanço educacional da

criança por ser remunerado por essa atividade. Esse aspecto desponta como preocupação porque, como educadores, somos sabedores da importância da família no processo educativo e temos plena convicção de que essa parceria é comprovadamente de sucesso quando ocorre e o contrário também.

Não conseguimos, seguramente atingir 100% dos nossos alunos com as aprendizagens conectadas, seja pela falta de acesso às tecnologias, pelos diferentes ritmos de aprendizagem ou pela família que não tem condições efetivas de acompanhar. Essas tentativas de oportunizar vem despontando como uma daquelas políticas públicas que servem para amenizar um momento pelo qual está passando a sociedade, mas de forma abstrata, sem norte. Uma necessidade de cobrir uma lacuna. Essa percepção se dá pela capacidade de alcance que ela tem, infelizmente.

Como parte dessa realidade, como quem está no chão da escola podemos observar isso, e não é uma crítica aos mentores, acreditamos que no desespero de dar uma resposta à sociedade no tocante à educação, tentativas são válidas, a preocupação que temos, é que as avaliações dessas implementações só são feitas ao final e que o resultado não seja condizente com o esperado, com o investido.

O que podemos observar é que quando se trata de políticas públicas de longo alcance ainda somos pobres. Não estamos preparados para lidar com desafios que demandam soluções eficazes e imediatas, e não somente na educação. O Brasil assiste colapso na saúde, na economia, na educação, e isso só leva a perceber a falta de projetos futuristas. A preocupação com resultados imediatos e visíveis, muito proveniente da cultura de política que temos a nível municipal, estadual e federal que trabalha com o que se vê, com o que aparece para fins eleitoreiros nos coloca em situação de “desprevenidos” quando passamos por uma situação como a que estamos vivendo agora, em tempos de pandemia. A necessidade de se investir em ciência, não dá visibilidade para o governo, mas hoje faz falta, aumentar acesso à tecnologia não dá visibilidade, mas ajudaria nossos alunos a acompanharem minimamente a proposta do estado. Investir na formação de professores não dá visibilidade política, mas prepararia para que pudéssemos ser parceiros atuantes neste momento em que a Educação precisa.

Assistir os professores como mais um grupo de serviço não essencial que foram dispensados para estarem em casa, por um longo período, entristece, porque educação é um serviço essencial. Mais triste é saber que nos comportamos como não essenciais porque fazemos parte de uma cultura de despreparo que nos ensinou que nosso papel é ali na sala de aula, que fora dela não podemos atuar. A Educação em tempos de pandemia clama por

professores que vai além da sala de aula, que se reinventa, que refaz as maneiras de ensinar, que em um momento como este é capaz de perceber que conteúdos programáticos são exigências curriculares, mas que a aprendizagem significativa perpassa e que neste momento ele figura como essencial para seu aluno, mesmo não estando presente. Dominar as tecnologias e utilizá-las para se aproximar dos alunos, das famílias, isso é o que se espera da Educação em tempos de pandemia. Precisamos mostrar à sociedade, o quanto somos essenciais. Se por um lado temos políticas que não colaboram, por outro, temos a missão de transformar a educação. Nas considerações de Paulo Freire:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (1991, p. 126)

Essa afirmação nos permite compreender que nosso papel de educador exige que nos transformemos, esse período particularmente precisa nos fazer refletir sobre nosso papel social e a urgente necessidade de mudança, mas essa mudança deve ser em relação a nós mesmos, a Educação não deve ser meramente considerada um serviço essencial, ela deve ser essencial.

Neste momento percebemos que falhamos, que a educação não conseguiu se reinventar para continuar sendo oferecida a todos os brasileiros e brasileiras de forma ampla e satisfatória. Há falha no sistema? Com certeza, mas precisamos nos lembrar que fazemos parte dele, e como tal, a responsabilidade de mudança também é nossa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo desenvolvido, cuja temática versa sobre “Os desafios para garantir a educação para todos em tempos de pandemia” buscou analisar o contexto educacional sob a ótica e vivência das professoras da Educação Básica de Escolas do Estado de Mato Grosso.

Esse cenário de pandemia do COVID-19, nos fez perceber nossas fragilidades: enquanto professores não estamos totalmente preparados para lidar com as mudanças, relacionadas às novas metodologias de ensino. Apesar de vivermos em uma era de inúmeras influências da cultura digital, a formação inicial recebida, não nos preparou para tal situação.

Nesse sentido, Moran (2018), relata sobre a importância das metodologias ativas, pois constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aluno, por meio de uma aprendizagem voltada para novas descobertas, investigações ou resolução de problemas. Ciente da relevância dos novos mecanismos de aprendizagem utilizados pelas instituições de ensino públicas e privadas é possível perceber a necessidade de alinhar todo esse processo de implantação e utilização dos novos recursos digitais a realidade de todos os educadores. O momento em que estamos vivendo é propício para refletirmos sobre nossas ações tanto pessoais quanto profissionais.

As escolas têm, na medida do possível procurando subsidiar os alunos com ações como lives com explicação de conteúdo, atendimentos via WhatsApp e uso da plataforma teams. Mas como dito reiteradas vezes, o alcance é limitado.

O que podemos esperar de tudo isso? Ainda precisamos avançar muito como política educacional e mais que tudo, precisamos, nos formar, nos informar, e nos preparar para o inesperado. A educação precisa ultrapassar as paredes de uma sala de aula e a sociedade precisa estar preparada para isso. O professor em uma sala de aula, seguramente é essencial, mas mesmo em sua sala de aula precisa se utilizar de recursos que permita que ele possa atuar quando não puder estar lá. E mais que tudo, a Educação em tempos de pandemia poderá trazer perdas, mas pode fazer com saíamos fortalecidos, motivados a nos preparar para o inusitado, inesperado, como tem sido este momento.

REFERÊNCIAS

ABATTI, Gilvani. **A importância da família na escola**. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-familia-na-escola.htm>>. Acesso em: 23 de mai. 2020.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no. 9.394 de Dezembro de 1996. MEC. Disponível: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 23 de mai.2020

MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II|Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.).PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015

MORAN, José. **O papel das metodologias na transformação da Escola. em**, In BACICH & MORAN (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.